A floresta...

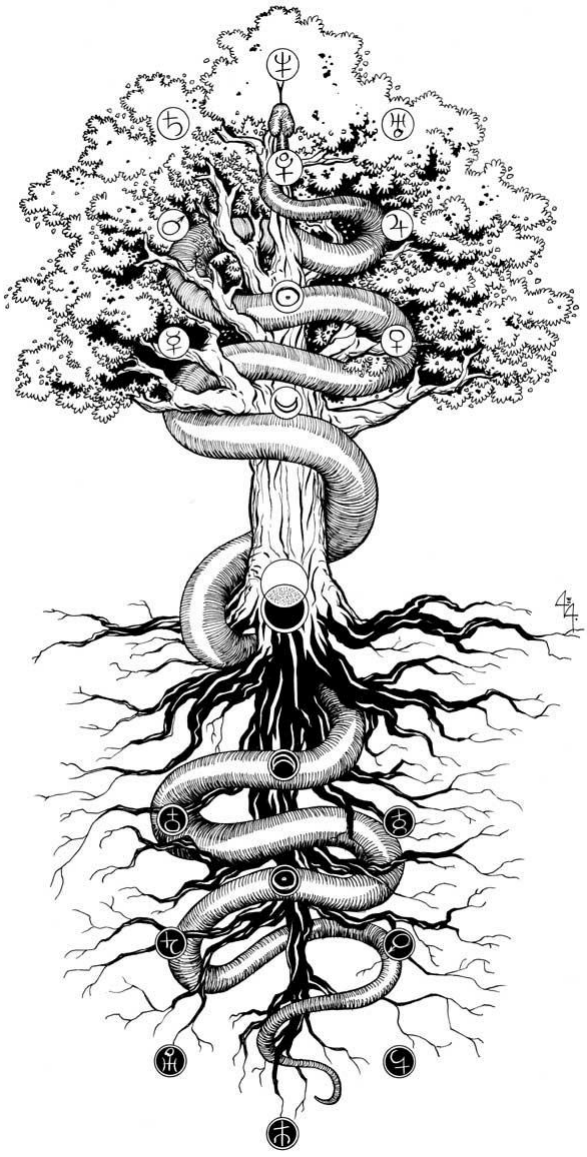
By

Fernando Worker

A floresta...

Direitos autorais
Reservados a

R.F.Worker
workersensitive@hotmail.com
www.facebook.com/workersensitive



Prólogo:

Assim contou Adele:

- Ao me permitir entrar na Floresta percebi que a desvendar e cruzá-la seria me transformar. Ela foi me conduzindo à busca de mim mesma, descoberta meus desejos mais profundos e de minhas verdades, até então, inconfessáveis.
Me mostrou que era preciso lutar e romper com os dogmas e as regras que me foram impostas, resgatar o sagrado feminino e me empoderar dele para permitir minha real transformação. Ao me permitir ser tocada pela floresta, repleta de erotismo, pude sentir sabores, aromas, sensações, desejos... Pude expressá-los, porque nada mais era inconfessável, a forma se desfez, e imergi de dentro de mim mais forte e liberta. Permita-se desvendar essa Floresta, ser devorado por ela, transformar-se...

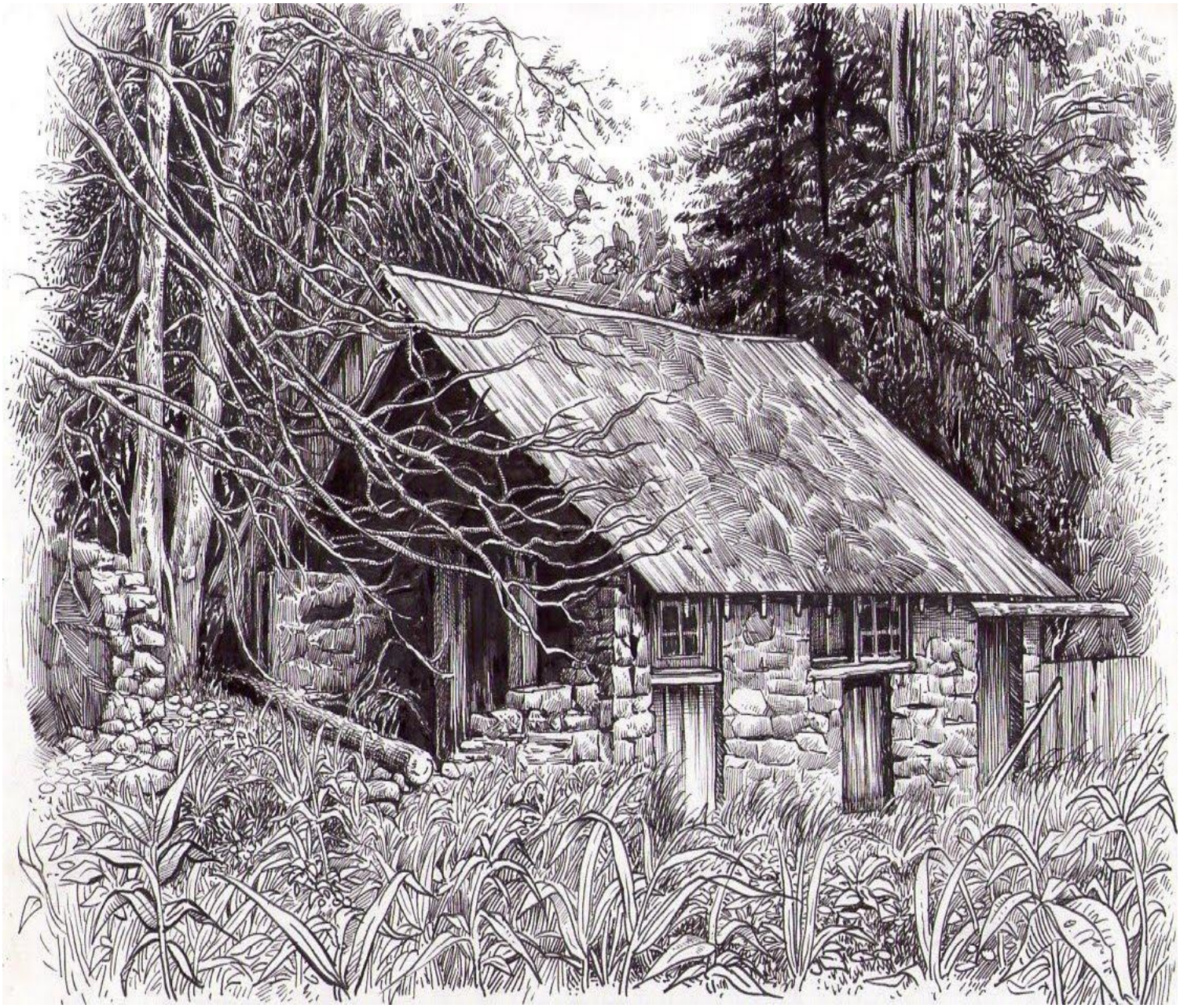
Caminhou até o bar em meio à estrada empoeirada, carregava uma velha mochila surrada, onde pertences chacoalhavam irritando os ouvidos, porém ele nada fez para se livrar do som... Apoiou sobre o balcão os braços cansados, pediu uma malzebier e pensou: Puta bebida de mulher... Foda-se! – Bebeu sob os olhares curiosos dos bêbados caídos sobre seus vômitos sujos... Ali no meio do nada guiado pelo impulso e crença de que havia mesmo uma Floresta onde uma bruxa velha escondia muito mais do que pequenos objetos valiosos aos olhos gananciosos, jóias, ouro, pedras, outro foda-se – pensa! Informa-se, de onde e como se chega, mas meio mundo se cala, nem toca no assunto ou fala de coisas assombradas, daí se faz o sinal da cruz, mijando-se de medo do demônio que mora no corpo da tal bruxa... Como se isso protegesse dos pecados inerentes ao homem e seus eus... E segue, o sol já ia baixo, foi deitar sob um árvore, daí acender uma fogueira, comer uma lata de sardinha, fingir que dorme na tentativa de enganar a ansiedade fantasma que cerca nossos pensamentos... A lua ía alta, às vezes se escondendo sob um véu de nuvens pesadas – Caralho vai chover!? – Tanto faz, uma jornada, só resta viver... Trovoava e nem uma gota de água caia, incrível é saber que os olhos copiam a natureza, nem uma gota cai na imensidão de um céu seco como deserto... Os olhos pesados foram se fechando devagar, adormeceu!

Sonhou com a puta que comeu em uma das paradas, não houve carinho, nem afeto, um gozo triste, a buceta morta devido ao amor que desapareceu a tanto... Ela chorava, ele pagou, ela tentou dizer algo, mas olhou para o cobre na cabeceira da cama e por experiência soube do fim daquele encontro... Fantasmas tendem a perseguir nossa alma quando tentamos mostrar o que nossa natureza insiste em negar! Era perturbador o sonho, infinito era a dor de se observar o quanto de culpa carrega um homem diante da sua forma de macho... Ou viu o farfalhar da fogueira sendo atiçada, e a visão conturbada deu lugar a algo simples e fantasmagórico, ela veio até ele... Não tinha nada demais, nem a beleza contada por tantos estradeiros, o peitos meio caídos, a bunda pouco curvada, o rosto bastante cansado, nos cabelos ainda pendurado estavam uns capins – Deve dormir no mato! - Olhou fundo e com bastante desprezo aos olhos do homem que ali deitado estava, meio trêmulo, curioso, crítico... – Tá me procurando? – Então tudo se apagou...

Foi arrastado para dentro da floresta, às vezes seus olhos se abriam como num piscar momentâneo de sanidade, o ar rodopiava, aromas desconhecidos pairavam desconsertando confundindo, perturbando... Balbuciou a sede e a sequidão que sentida – Água mulher, água... – Ela parou repentinamente, sorriu deliciosamente abrindo as pernas sobre o rosto esfomeado, escorreu a água quente entre os meios delicados dela, jorrando para dentro da boca seca o amargo delicado e tão interno. Assustado bebeu o homem, sem compreender exatamente o que sorvia, apenas deliciou-se, matando a vontade física... Percebeu ela, a real oportunidade e se entregou sentindo a língua que buscava mais e mais, gozou assim misturando o salgado ao doce do desprezo dos que apenas vivem libertos do apego emocional.

A casa era velha, escondida nos fundos da velha floresta, um monte de lenha, chaminé, objetos jogados por todos os lados... Não, não havia flores, apenas musgo barba de velho pendurado nos troncos antigos! Largou o homem ali mesmo no meio do nada, tratou de se lavar no riacho que corria por entre os meios das ervas mandingueiras, ele levantou a cabeça, percebendo cada parte do corpo sujo, impregnado de raiva e medo, observou a tal banhando-se nua... Caminhou como um homem que manda e nunca foi questionado, pronto a apontar e questionar os porquês daquela atrocidade... Mas os olhos são portas da alma! E quem nega a maldade existente na manipulação do desejo sob a ótica do corpo de uma mulher? Tudo foi silêncio – Venha banhar-se...- Ele entrou nas águas assim mesmo, de roupa e tudo, ali ela foi tirando cada camada, observou as mãos, calejadas, o rosto sulcado pela dor de uma vida... Sentiu o cheiro do suor salgado que os cabelos longos emanavam... Não saberia dizer jamais se ao deitar ela nos braços tão maternais uma lágrima escorreu, porque a tanto não sentiu mãos tocando suas formas... Sentiu ela o falo adormecido e

flácido, representando a inexistência da maldade presente – Deixe que lave teus cabelos... – Do fundo sob as águas buscou argila e esfregou todo o corpo cansado... Algumas ervas cheirosas colhidas ali mesmo no barranco purificaram a alma imunda do homem buscador...



Amanheceu; o cheiro bom de café envolvia a preguiça do sol subindo por entre as árvores... Ele sentia frio, dormiu nú sobre o gramado seco do quintal, tentava se cobrir com as mãos e braços. Quando a porta se abriu, às mãos ela tinha uma caneca amassada soltando fumaça, entregou nas mãos do coitado ali largado – Porque não me permitiu dormir na casa? – Porque não sou tua puta! – Foda-se...! – Ela virou as costas, no canto da boca um sorrisinho lutou para morrer – Se quiser comer hoje, trata de cortar lenha! – Apontou o machado encostado e cego no monte de lenha. A manhã se arrastou desta forma machado cego, lenha dura, ele tentando provar que provia, ela querendo que ele se fodesse todo se lixando pra o desempenho do macho viril... Veio o almoço, que mais parecia uma água lavada, sem sal, gosto, apenas umas batatas boiando na superfície insossa – Porra você não sabe cozinhar? – Não sou sua puta! – Foda-se... – Ele pensou - melhor comer a morrer neste inferno! O homem olhava para a floresta, não encontrava sequer um indício de como tinha chegado ali, não via rastros da trilha e seu início...

Lutou tanto para chegar, fato era que nada parecia mesmo ser como havia imaginado, como toda boa contação de causo, onde se estica o verbo para manter a atenção, o filha da puta se sentia enganado pela própria curiosidade!

